



População idosa do Rio Grande do Sul – 2010-21

De acordo com indicadores projetados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹ (IBGE, 2022), a idade mediana da população gaúcha deve passar de 32,66 anos em 2010 para 37,10 em 2021, podendo alcançar a marca de 47,89 anos em 2060. O índice de envelhecimento populacional, que representa a razão entre a população de 65 anos ou mais e a população menor de 15 anos, deve aumentar significativamente, passando de 43 por 100 em 2010 para 75 por 100 em 2021. A estimativa é de que, em 2060, para cada 100 habitantes com menos de 15 anos, existam 207 habitantes com idade de 65 anos ou mais, indicando o contraste entre o contingente populacional idoso e o jovem, cujo volume vai tornando-se cada vez menor em relação ao primeiro.

Ainda conforme o IBGE (2022), a expectativa de vida do gaúcho da faixa etária de 60 a 64 anos era de 19,66 anos para os homens e de 23,75 para as mulheres em 2010. Já em 2021, houve aumento desse indicador, que passou a ser estimado em 21,37 para os homens e 25,64 para as mulheres que alcançarem esse grupo de idade. Enquanto a expectativa de vida apresentou uma tendência de aumento nesse período, a taxa de fecundidade, que representa o número médio de filhos por mulher, foi estimada em 1,68 em 2021, e deve continuar nesse patamar até 2060, ficando, portanto, abaixo do nível de reposição da população, que é de, aproximadamente, 2,1 filhos por mulher. Assim, essa combinação de fatores faz com que exista um crescente envelhecimento da população, impactando a necessidade de políticas públicas dedicadas a esse segmento populacional nos mais variados aspectos, tais como condições de saúde, lazer, equipamentos urbanos, etc.

O objetivo deste estudo é atualizar alguns indicadores relacionados à população idosa do Estado, com idade de 60 anos ou mais, principalmente aqueles que se referem à mortalidade e suas principais causas, além de alguns aspectos demográficos desse segmento populacional.

Na seção **Perfil demográfico da população gaúcha**, é feita a descrição de alguns indicadores demográficos da população do Estado, enfatizando dados relativos à população idosa, por meio da desagregação desse grupo por faixas etárias quinquenais e sexo, contemplando o período de 2010 a 2021. Na seção **Indicadores de mortalidade**, é feita uma análise das principais causas de mortalidade, também desagregadas por sexo e faixas etárias da população idosa, contemplando o período de 2010 a 2021. Por fim, na última seção, **Considerações finais**, são discutidos alguns aspectos elencados nesse texto, além de se indicarem novos desafios na abordagem do tema.

Perfil demográfico da população gaúcha

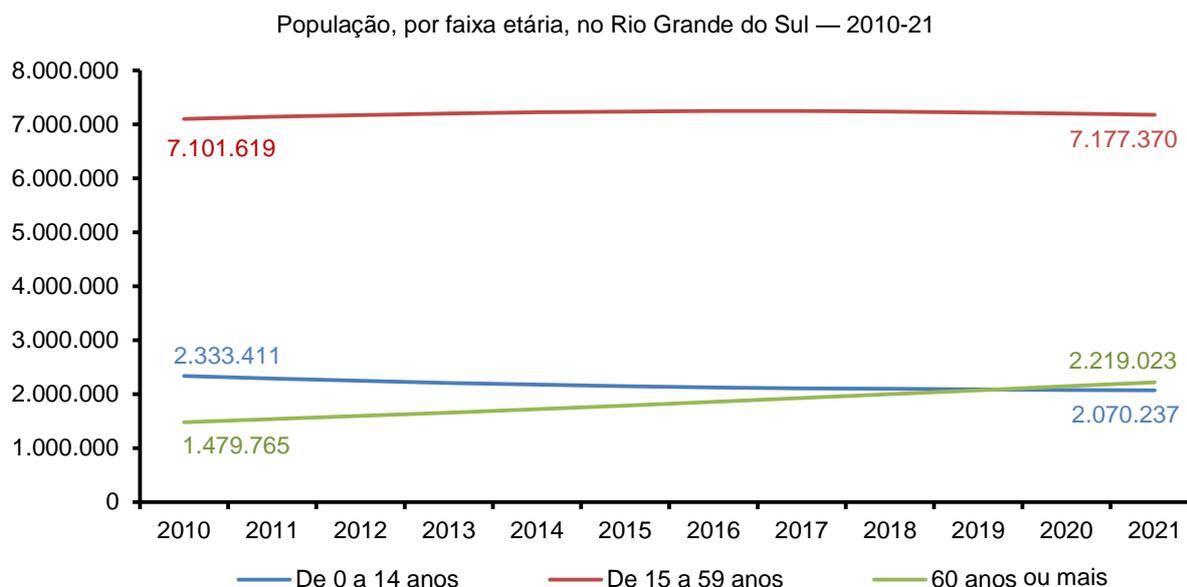
Segundo estimativas do IBGE (2022), o Estado do Rio Grande do Sul atingiu a marca de 11.466.630 habitantes em 2021, um acréscimo de 552 mil pessoas em relação a 2010, quando a população gaúcha era composta por 10.914.795 pessoas. Enquanto a população total do Estado cresceu 5,1% nesse período, a população idosa, de 60 anos ou mais, aumentou 50,0%, passando de 1.479.765 para 2.219.023, tendo sido acrescida de 739 mil pessoas. Por outro lado, a população com menos de 15 anos apresentou um decréscimo de 263 mil pessoas, uma queda de 11,3% nesse mesmo período, passando de 2.333.411 em 2010 para 2.070.237 em 2021, o que representa, pelo segundo ano consecutivo, um contingente menor que o da população idosa (Gráfico 1). Ressalta-se também que, a partir

¹ Com a divulgação dos resultados do **Censo Demográfico 2022**, essas informações devem ser atualizadas pelo IBGE, inclusive incorporando os efeitos da pandemia por Covid-19.



de 2017, o tamanho da população com idade de 15 a 59 anos começou a declinar. Esses resultados evidenciam um fenômeno que está ocorrendo no Estado: o crescente envelhecimento populacional.

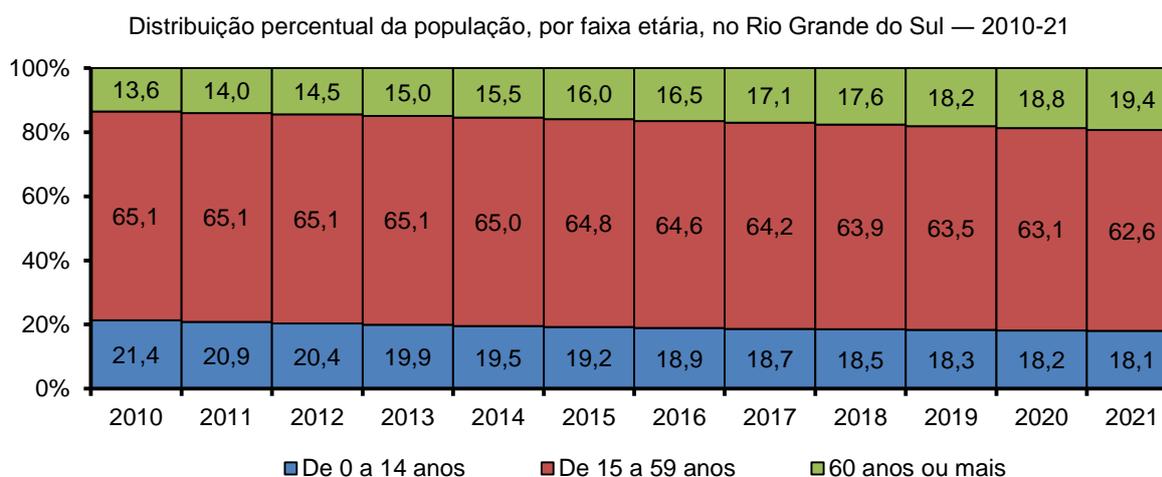
Gráfico 1



Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

De fato, o Gráfico 2 apresenta a distribuição da população gaúcha por grandes faixas etárias durante o período de 2010 a 2021, revelando que houve um acréscimo na participação do segmento idoso em relação à população total, tendo passado de 13,6% para 19,4%. Por outro lado, entre a população mais jovem, com menos de 15 anos, houve um decréscimo de 21,4% para 18,1% no mesmo período.

Gráfico 2



Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Quando se destaca apenas a evolução da população idosa no Rio Grande do Sul por faixa etária (Tabela 1), o maior incremento absoluto no contingente populacional foi entre aqueles de 65 a 69 anos, que apresentaram um acréscimo de 191 mil pessoas, um aumento de 54,9% no período analisado. A população de 80 anos ou mais apresentou o maior aumento relativo em seu contingente, de 65,9%, já



que houve um acréscimo de 135 mil pessoas nessa faixa etária, cujo número passou de 204.691 em 2010 para 339.639 em 2021.

Tabela 1

População idosa, por faixa etária, no Rio Grande do Sul — 2010-21

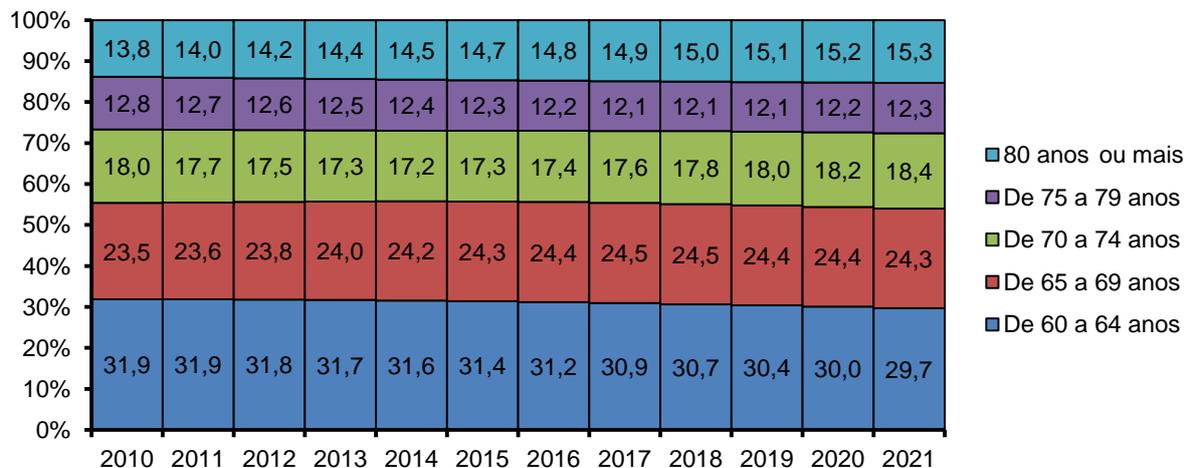
ANOS	FAIXA ETÁRIA					TOTAL
	De 60 a 64 Anos	De 65 a 69 Anos	De 70 a 74 Anos	De 75 a 79 Anos	80 anos ou Mais	
2010	471.409	348.326	265.666	189.673	204.691	1.479.765
2011	490.131	362.993	272.745	195.267	215.765	1.536.901
2012	508.303	379.910	279.769	201.336	227.145	1.596.463
2013	526.055	398.317	287.489	207.728	238.705	1.658.294
2014	543.703	417.056	296.960	214.214	250.356	1.722.289
2015	561.387	435.430	308.725	220.736	262.032	1.788.310
2016	578.828	453.482	322.528	227.352	274.018	1.856.208
2017	595.758	471.051	338.365	233.960	286.617	1.925.751
2018	612.222	488.261	355.550	241.187	299.633	1.996.853
2019	628.375	505.396	373.055	249.929	312.814	2.069.569
2020	644.179	522.572	390.263	260.635	326.058	2.143.707
2021	659.549	539.533	407.210	273.092	339.639	2.219.023
Δ% 2021/2010	39,9	54,9	53,3	44,0	65,9	50,0

Fonte dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Ainda analisando-se a estrutura por idade da população idosa ao longo do período considerado, é possível notar o aumento da proporção de idosos na faixa etária com idade mais avançada, a de 80 anos ou mais, cuja participação aumentou de 13,8% para 15,3% sobre o total de idosos do Estado (Gráfico 3).

Gráfico 3

Distribuição da população idosa, por faixa etária, no Rio Grande do Sul — 2010-21



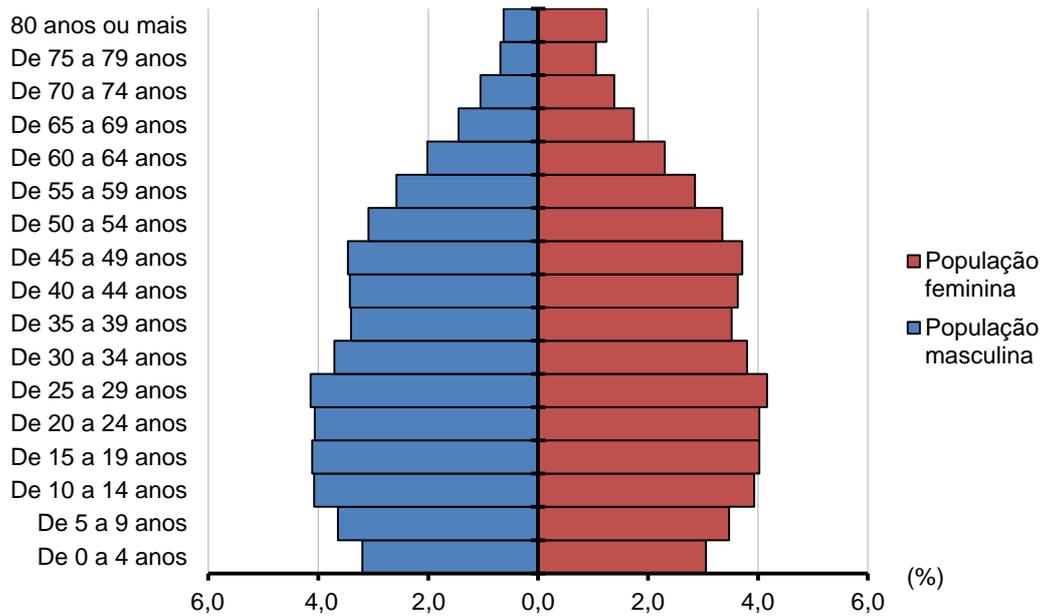
Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



A análise das pirâmides etárias do Estado, Gráficos 4 e 5, evidencia o estreitamento da base e o consequente alargamento do topo no período compreendido entre 2010 e 2021. Outro aspecto que chama a atenção é o contingente maior de população do sexo feminino a partir da idade adulta.

Gráfico 4

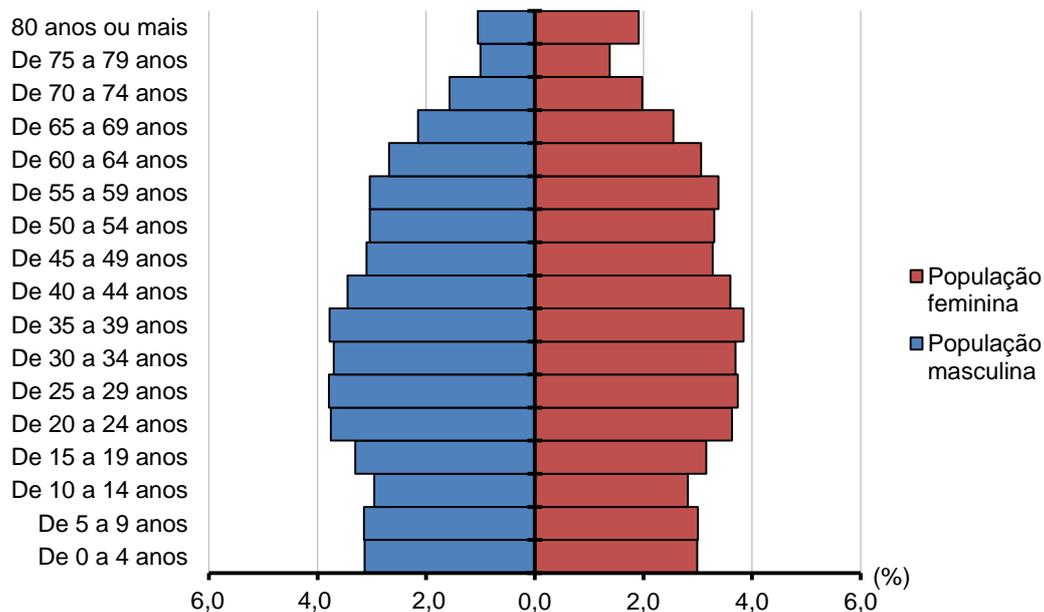
Pirâmide etária do Rio Grande do Sul — 2010



Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Gráfico 5

Pirâmide etária do Rio Grande do Sul — 2021

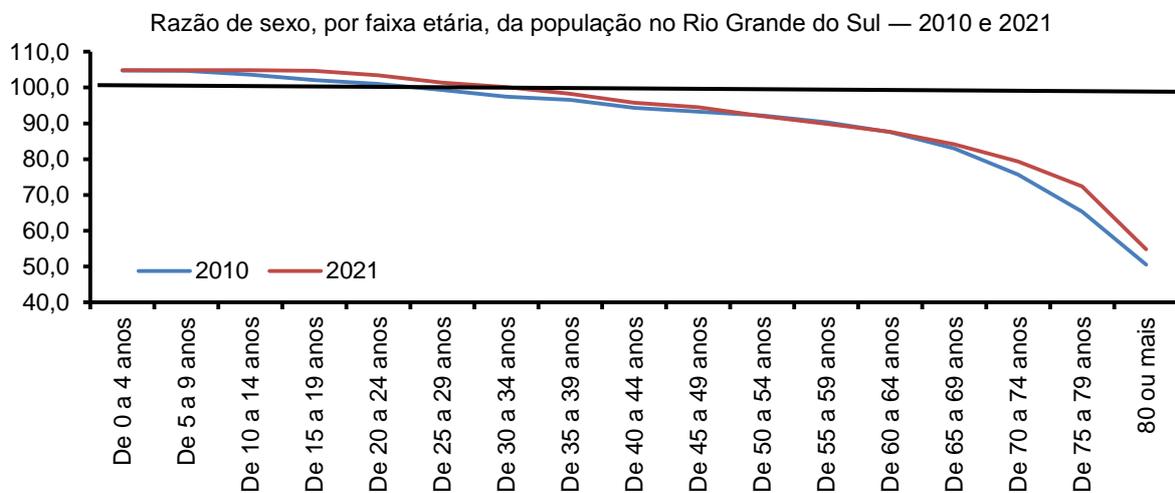


Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



De fato, o Gráfico 6, que apresenta a razão de sexo, revela que o número de homens em relação ao número de mulheres, por 100 pessoas, para a população menor de quatro anos, é 105, situando-se acima de 100 até a faixa etária de 20 a 24 anos em 2010 e até a idade de 30 a 34 anos em 2021. Após essas faixas etárias, os valores vão caindo sistematicamente até alcançar níveis em torno de 50 homens para cada 100 mulheres na população com 80 anos ou mais. Esse indicador reflete, principalmente, o efeito da sobrevivência masculina. Essa postergação na razão de sexo acima de 100 nos anos mencionados indica uma melhora no nível de mortalidade dos homens em idades mais jovens.

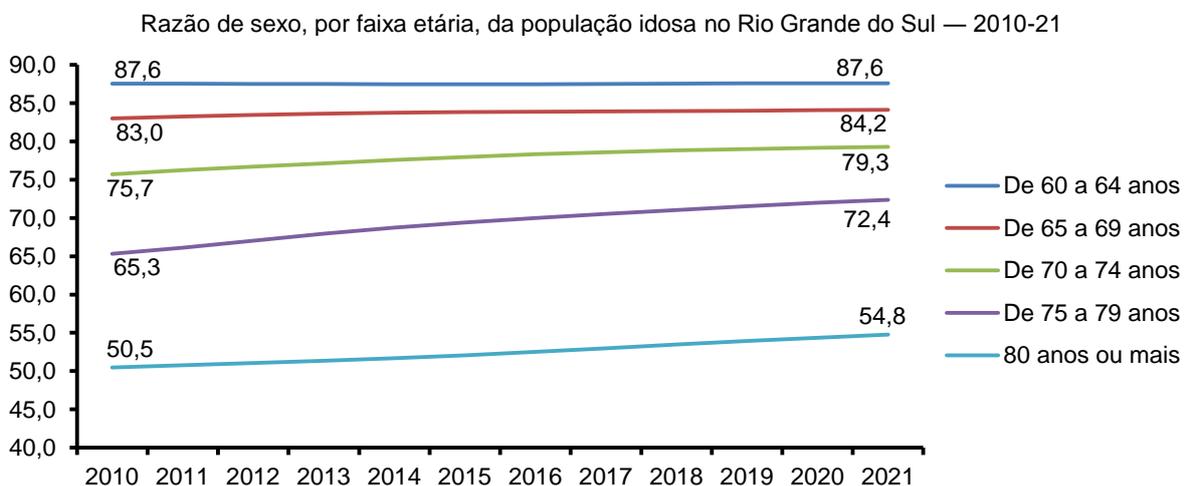
Gráfico 6



Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Desagregando-se a razão de sexo por segmento etário da população idosa, pode ser observada uma tendência de aumento desse indicador em todos os grupos de idade dessa população no período de 2010 a 2021, exceto na população de 60 a 64 anos, cujo valor se manteve praticamente constante na série analisada (Gráfico 7). Os dados também evidenciam o decréscimo desse indicador à medida que a população vai envelhecendo: em 2021, variou de 87,6 para aqueles de 60 a 64 anos a 54,8 entre a população de 80 anos ou mais.

Gráfico 7



Fonte: dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



Por fim, a observação dos valores absolutos do tamanho da população idosa gaúcha, por faixa etária e sexo, revela que a população masculina cresceu muito mais que a feminina em todas as faixas etárias consideradas, dando-se destaque à população masculina com idade de 80 anos ou mais, que aumentou 75,0%, passando de 68.671 em 2010 para 120.195 pessoas em 2021. O excedente feminino ficou entre 30 mil e 40 mil pessoas em 2010 para todas as faixas etárias até 80 anos, sendo, porém de 67 mil entre a faixa mais idosa. Já em 2021, o excedente feminino ficou entre 43 mil e 47 mil até a idade 75 a 79 anos, passando a 99 mil na população de 80 anos ou mais (Tabela 2).

Tabela 2

População idosa, por faixa etária e sexo, e excedente feminino no Rio Grande do Sul — 2010 e 2021

FAIXA ETÁRIA	2010			2021		
	População Masculina	População Feminina	Excedente Feminino	População Masculina	População feminina	Excedente feminino
De 60 a 64 anos	220.076	251.333	31.257	308.000	351.549	43.549
De 65 a 69 anos	157.991	190.335	32.344	246.555	292.978	46.423
De 70 a 74 anos	114.454	151.212	36.758	180.109	227.101	46.992
De 75 a 79 anos	74.947	114.726	39.779	114.666	158.426	43.760
80 anos ou mais	68.671	136.020	67.349	120.195	219.444	99.249

Fonte dos dados brutos: Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

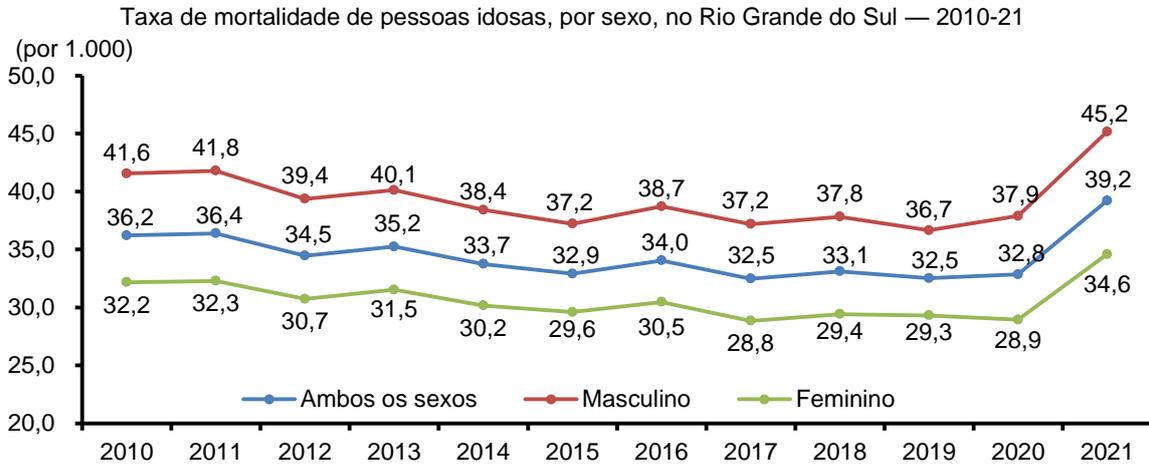
Indicadores de mortalidade

De acordo com o portal Datasus (BRASIL, 2023), ocorreram, em 2021, 117.158 óbitos de gaúchos, sendo 87.017 desses de pessoas de 60 anos ou mais (74,3% dos óbitos).² A taxa de mortalidade desse segmento populacional no Estado, após apresentar uma tendência de redução de 2010 a 2019, passando de 36,2 óbitos para 32,5 por 1.000 pessoas (-10,2%), apresentou um pequeno aumento em 2020, quando foi de 32,8 óbitos por 1.000. Já em 2021, o crescimento foi bem mais acentuado, quando atingiu a maior taxa da série analisada: 39,2 óbitos por 1.000 pessoas de 60 anos ou mais. Essa tendência também é observada entre os sexos, porém em patamares bem distintos, uma vez que a taxa dos idosos do sexo masculino é cerca de 30% superior à da população feminina em todo período analisado. Para a população idosa feminina, o decréscimo na taxa de mortalidade foi de 10,1%, de 2010 a 2020, pois passou de 32,2 óbitos para 28,9 óbitos por 1.000. Em 2021, essa taxa alcançou também o maior valor da série analisada: 34,6 óbitos por 1.000 idosas. Para a população idosa masculina, o decréscimo de 2010 a 2020 foi menor (-8,8%), passando de 41,6 para 37,9 óbitos por 1.000 no mesmo período. Em 2021, houve um aumento também na taxa de mortalidade dos idosos do sexo masculino, cujo valor foi de 45,2 óbitos por 1.000 idosos, também o maior da série (Gráfico 8).

² Dados preliminares, sujeitos a modificações.



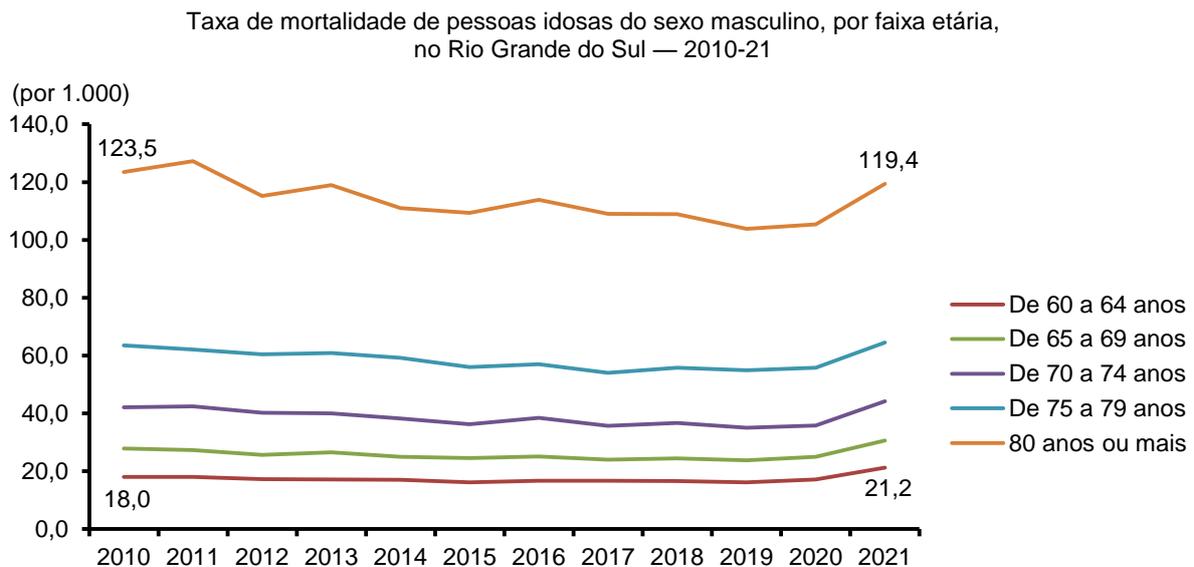
Gráfico 8



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

As taxas de mortalidade por faixa etária da população idosa aumentam conforme a idade e também apresentam níveis bem distintos entre os sexos. Para os homens, a taxa oscilou de 18,0 por 1.000, entre aqueles com idade de 60 a 64 anos, a 123,5 por 1.000 entre os idosos com 80 anos ou mais, em 2010. Já para as mulheres, no mesmo ano, oscilou de 9,4 a 100,2 óbitos por 1.000, segundo essas mesmas faixas etárias. Em 2021, houve elevação nessas taxas, para ambos os sexos, na comparação com o ano anterior. Nas idades extremas, variou de 21,2 (população de 60 a 64 anos) a 119,4 por 1.000 (população de 80 anos ou mais) para os homens e de 12,0 a 95,8 por 1.000 para as mulheres (Gráficos 9 e 10).

Gráfico 9

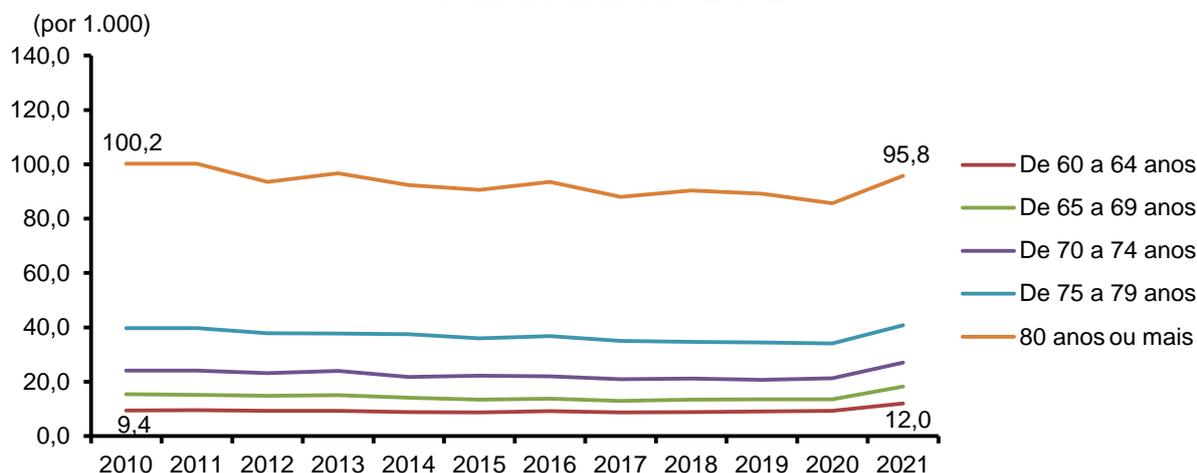


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



Gráfico 10

Taxa de mortalidade de pessoas idosas do sexo feminino, por faixa etária, no Rio Grande do Sul — 2010-21

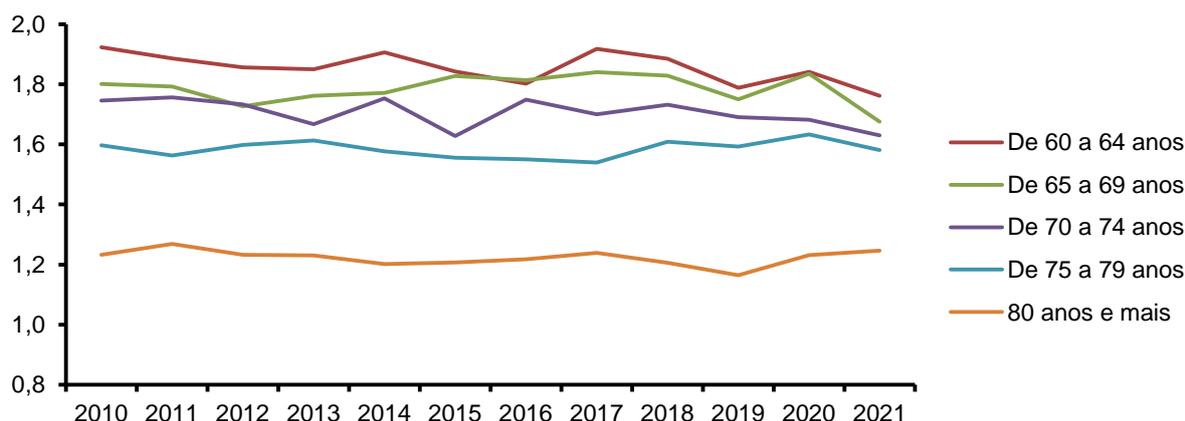


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

A análise da razão entre as taxas de mortalidade masculina e feminina, por faixa etária, revela que esse indicador tem tendência a ser inferior nas idades mais avançadas e aumenta à medida que a idade vai diminuindo. De fato, entre a população de 60 anos ou mais, a razão média entre as taxas é de 1,9, passando a 1,8 para idosos de 65 a 69 anos; 1,7 para os de 70 a 74 anos; 1,6 para idosos de 75 a 79 anos; caindo para 1,2 para aqueles com 80 anos ou mais de idade (Gráfico 11).

Gráfico 11

Razão entre as taxas de mortalidade de pessoas idosas do sexo masculino e feminino, por faixa etária, no Rio Grande do Sul — 2010-21



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

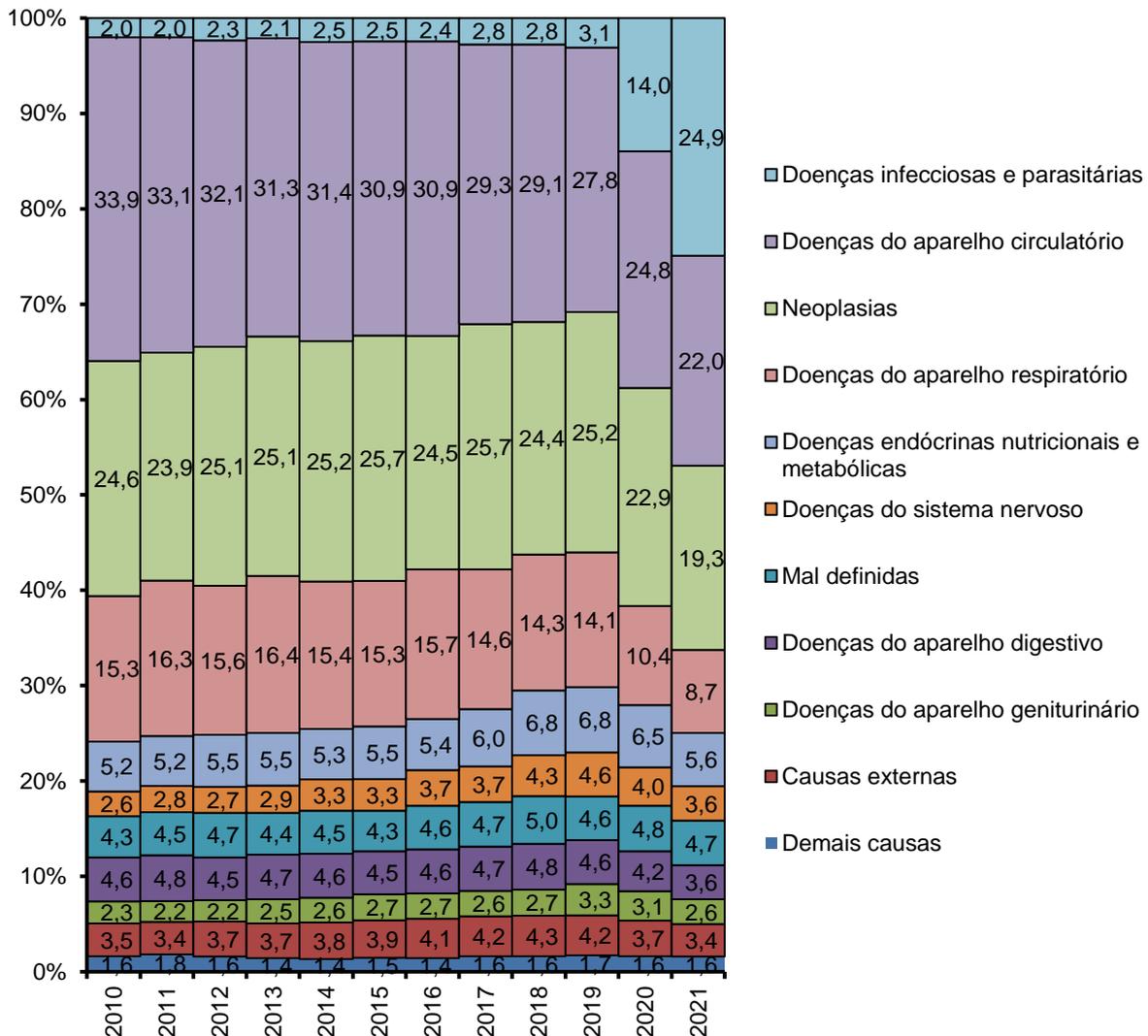
Dos 87.017 óbitos de gaúchos com 60 anos ou mais de idade que ocorreram em 2021, pouco menos de um quarto foi relacionado às doenças do aparelho circulatório. Observa-se que essa causa apresenta tendência de queda no período analisado, pois já representou 36,0% dos óbitos de idosos em 2010, sendo ainda a principal causa em 2020 (25,8% dos óbitos). Em 2021, essa causa assume a segunda posição, sendo responsável por 23,1% dos óbitos de idosos. A segunda causa mais prevalente em 2020 foram neoplasias, responsáveis por 20,9% dos óbitos naquele ano, apresentando um leve de-



A análise da mortalidade proporcional em 2021, de acordo com o sexo da população idosa no Rio Grande do Sul, revela que as principais causas de óbito para os idosos do sexo masculino seguem a mesma ordem observada na população idosa independentemente do sexo. Assim, doenças infecciosas e parasitárias estão em primeiro, sendo 24,9% dos óbitos, seguidas por doenças do aparelho circulatório (22,0%), tendo neoplasias como a terceira causa (19,3%), doenças do aparelho respiratório em quarto (8,7%), e doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (5,6%) em quinto lugar. Para os idosos do sexo feminino, as doenças do aparelho circulatório ainda permanecem em primeiro lugar, representando 24,2% dos óbitos em 2021, sendo as doenças infecciosas e parasitárias a segunda principal (22,9%). As demais posições seguem as mesmas: em terceiro, neoplasias (15,6%); em quarto, doenças do aparelho respiratório (8,5%); e doenças endócrinas e nutricionais (7,1%) em quinto (Gráficos 13 e 14).

Gráfico 13

Distribuição dos óbitos de pessoas idosas do sexo masculino, por principais causas, no Rio Grande do Sul — 2010-21

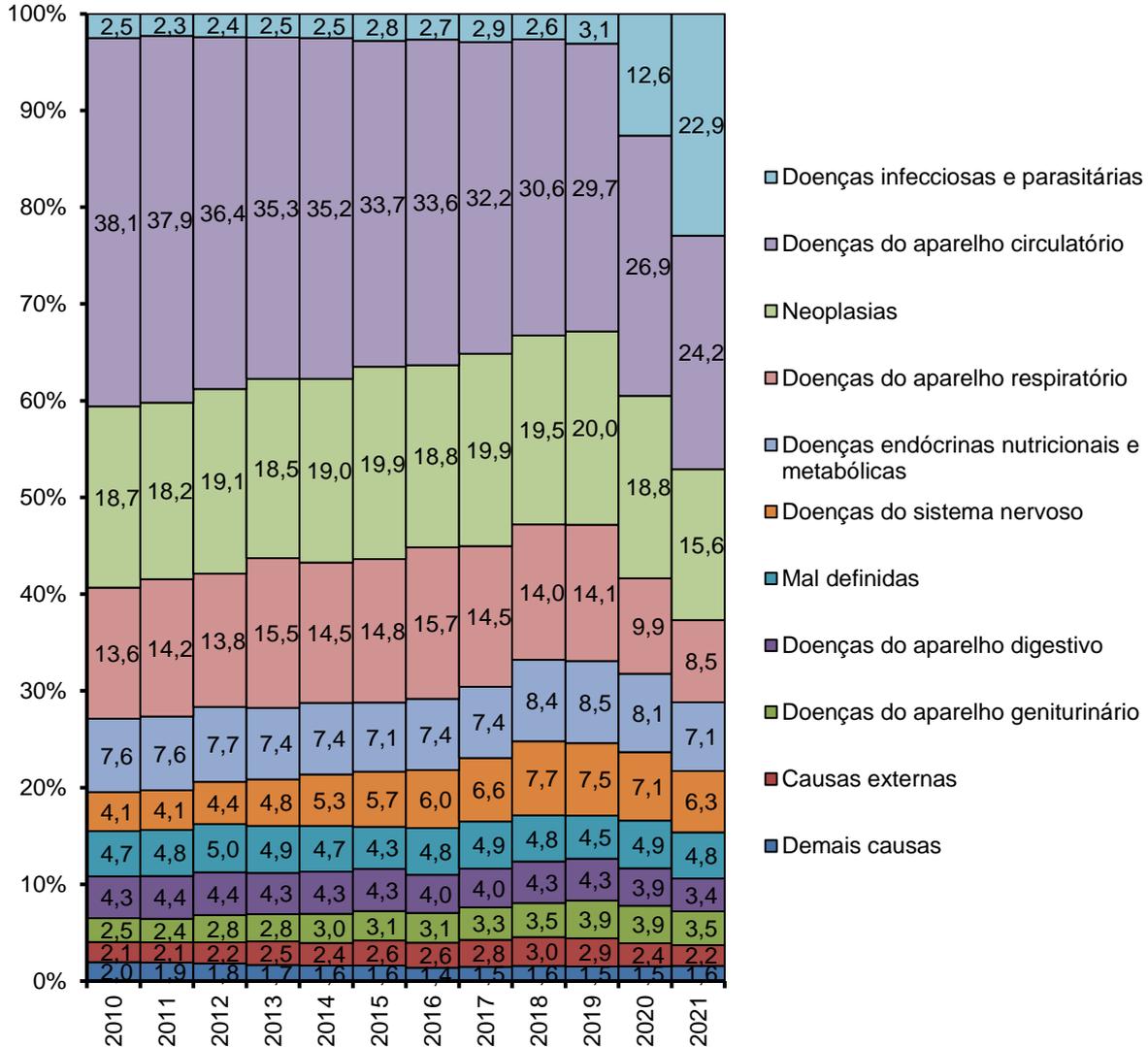


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).



Gráfico 14

Distribuição dos óbitos de pessoas idosas do sexo feminino, por principais causas, no Rio Grande do Sul — 2010-21

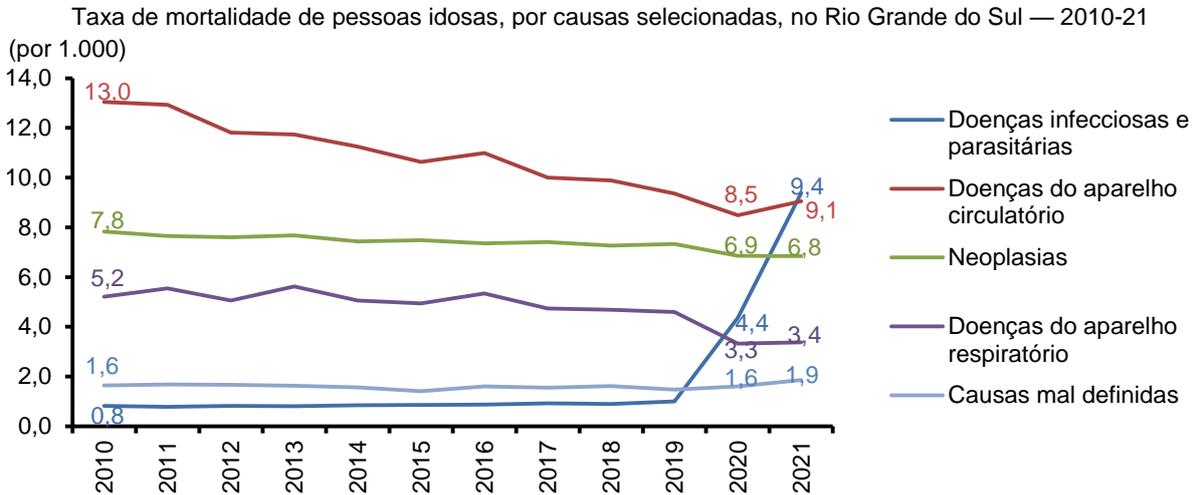


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

As taxas de mortalidade da população idosa, segundo causas, revelam tendência de queda naquelas que se referem às doenças do aparelho circulatório, pois passaram de 13,0 por 1.000 em 2010 para 8,5 por 1.000 em 2020, uma redução de 35%. Já em 2021, essa taxa aumentou para 9,1 por 1.000, sendo a segunda maior taxa por causa nesse ano. Neoplasias também apresentaram queda em suas taxas, porém de menor magnitude (-13%), passando de 7,8 em 2010 para 6,9 por 1.000 em 2020, tendo oscilado para 6,8 por 1.000 em 2021. Doenças infecciosas e parasitárias apresentaram aumento de 433%, crescendo de 0,8 por 1.000 em 2010 para 4,4 por 1.000 em 2020. Já em 2021, a taxa aumentou mais ainda, tendo mais que duplicado em relação a 2020, alcançando o valor de 9,4 óbitos por 1.000 idosos, tornando-se a principal causa de mortalidade. A taxa por doenças do aparelho respiratório também apresentou decréscimo de 36%, passando de 5,2 para 3,3 óbitos por 1.000 em 2020, sendo 3,4 por 1.000 em 2021 (Gráfico 15).



Gráfico 15



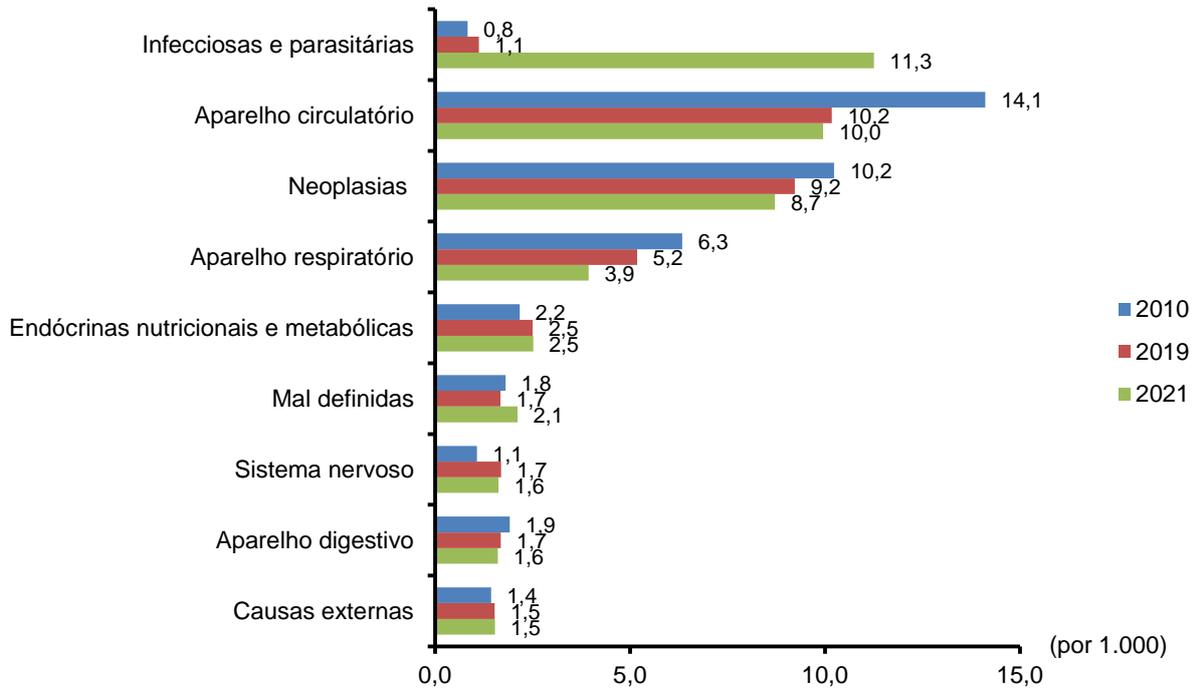
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Os Gráficos 16 e 17 apresentam as taxas de mortalidade segundo as principais causas, para os idosos do sexo masculino e feminino, comparando os dados de 2010, 2019 e 2021. Cabe destacar a redução nas taxas relativas às doenças do aparelho circulatório — principal causa de óbito em 2021 para as mulheres e segunda para os homens — tanto para homens (-27,9%) como para mulheres (-28,8%), na comparação entre 2010 e 2019. Nesse período, também houve redução na terceira causa para ambos os sexos — neoplasias, de -9,8 e -2,9%, respectivamente. De 2019 a 2021, continuou a tendência de queda nessas taxas: doenças do aparelho circulatório caíram 2,2% para os homens e 4,1% para as mulheres, enquanto as quedas das neoplasias foram de 5,5% e 7,9% respectivamente. Já a primeira causa de mortalidade para os idosos do sexo masculino em 2021, e segunda entre as idosas, foram as doenças infecciosas e parasitárias, que apresentaram um aumento de 35,0% para os homens e de 12,7% para as mulheres no período de 2010 a 2019. Em 2010, ambos os sexos apresentavam taxas de 0,8 óbitos por 1.000 devido a essa causa, porém a taxa dos homens evoluiu para 1,1 em 2019, enquanto a das idosas passou para 0,9 por 1.000 pessoas. De 2019 a 2021, ocorreu um aumento substancial nessas taxas: crescimento de 896,7% para os homens e de 773,5% para as mulheres, alcançando valores de 11,3 óbitos por 1.000 homens idosos e 7,9 óbitos por 1.000 idosas em 2021. As taxas relativas às doenças do aparelho respiratório, quarta causa de mortalidade dos idosos, independentemente do sexo, apresentaram reduções tanto para os homens (-18,3%) como para as mulheres (-5,2%) na comparação entre 2010 e 2019. Já de 2019 a 2021, o decréscimo foi maior, de -24,0% para o sexo masculino e de -29,0% para o feminino. Essas alterações bruscas na tendência dessas taxas a partir de 2019 têm relação com os óbitos devido à Covid-19, havendo um efeito de “substituição” da mortalidade, tendo em vista a maior incidência dessas comorbidades entre a população idosa.



Gráfico 16

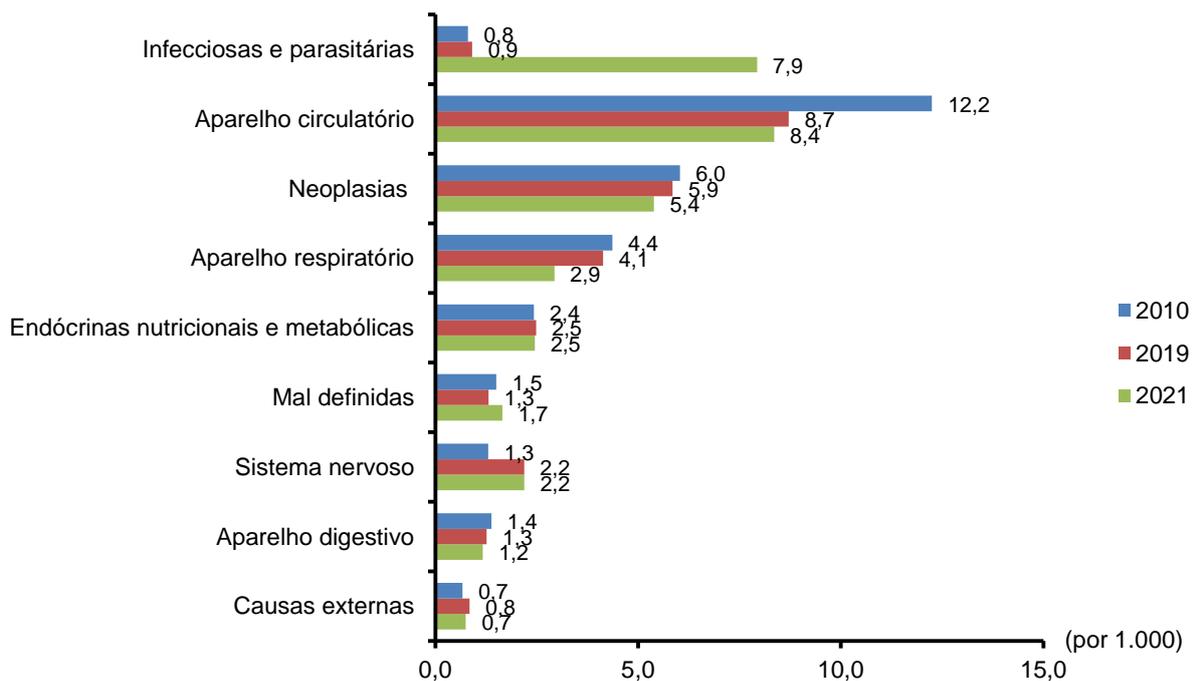
Taxa de mortalidade da população idosa masculina, por principais causas, no Rio Grande do Sul — 2010, 2019 e 2021



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Gráfico 17

Taxa de mortalidade da população idosa feminina, por principais causas, no Rio Grande do Sul — 2010, 2019 e 2021



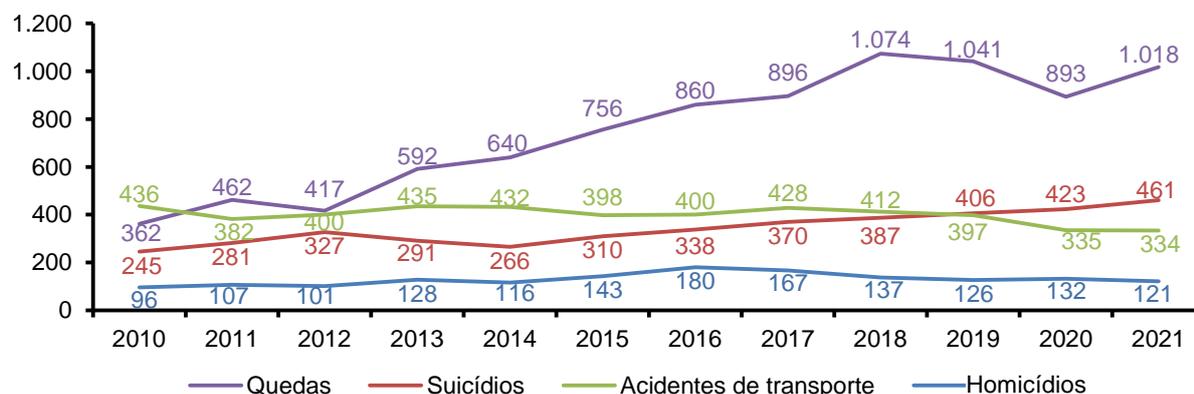
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



Um grupo de causas de mortalidade que merece destaque, visto ser motivo passível de prevenção, é aquele que se refere a causas externas, que são mortes violentas decorrentes de acidentes, homicídios, suicídios, quedas, etc. Em 2021, esse grupo de causas vitimou 2.426 idosos no Estado, sendo 1.488 homens e 937 mulheres, representando a 11.ª causa de mortalidade naquele ano. Esses óbitos tiveram a seguinte distribuição em 2021: 1.018 (42,0%) por quedas; 461 (19,0%) devido a suicídios; 334 causados por acidentes de transporte (13,8%); 121 decorrentes de homicídios (5,0%); e as demais causas nessa categoria, como afogamentos, exposição a fumaça, fogo, e outros eventos, totalizaram 20,3% dos óbitos. O maior aumento de 2010 a 2021 nas causas selecionadas desse grupo foi no número de óbitos por quedas (181,2%), seguido pelo acréscimo em suicídios, 88,2%, e homicídios, 26,0%. Por outro lado, o número de acidentes de transporte apresentou queda de 23,4% (Gráficos 18 e 19).

Gráfico 18

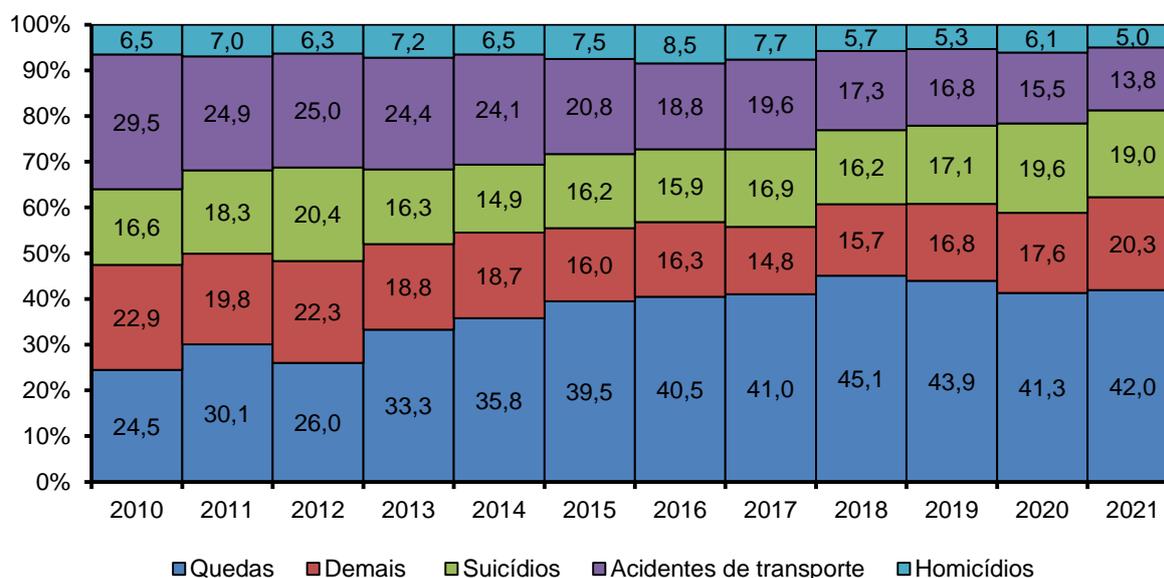
Número de óbitos da população idosa, por principais causas externas, no Rio Grande do Sul — 2010-21



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

Gráfico 19

Distribuição dos óbitos da população idosa, por principais causas externas, no Rio Grande do Sul — 2010-21



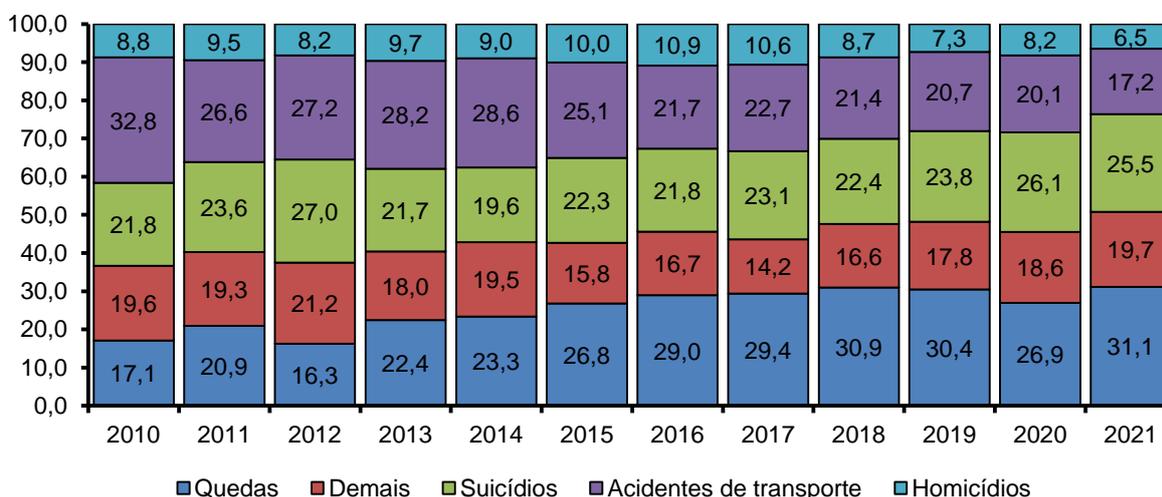
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).



A taxa de mortalidade por causas externas dos idosos do sexo masculino foi duas vezes a do sexo feminino: 1,5 por 1.000 homens idosos comparado com 0,7 por 1.000 idosas. A análise das principais causas nessa categoria, segundo o sexo, revela um perfil bem diferenciado. Para os homens, os óbitos por quedas (31,1%) e suicídios (25,5%) representaram mais da metade dos óbitos nessa categoria em 2021. Acidentes de transporte foram a terceira causa nesse grupo, com 17,2% dos óbitos, e homicídios, a quarta, com 6,5% dos óbitos. Já para as idosas, a maioria dos óbitos nessa categoria relacionou-se a quedas (59,1%), tendo suicídios em segundo lugar, com 8,6% dos óbitos em 2021, acidentes de transporte em terceiro, com 8,3%, e homicídios na quarta colocação, representando 2,7% dos óbitos de idosas por causas externas (Gráficos 20 e 21).

Gráfico 20

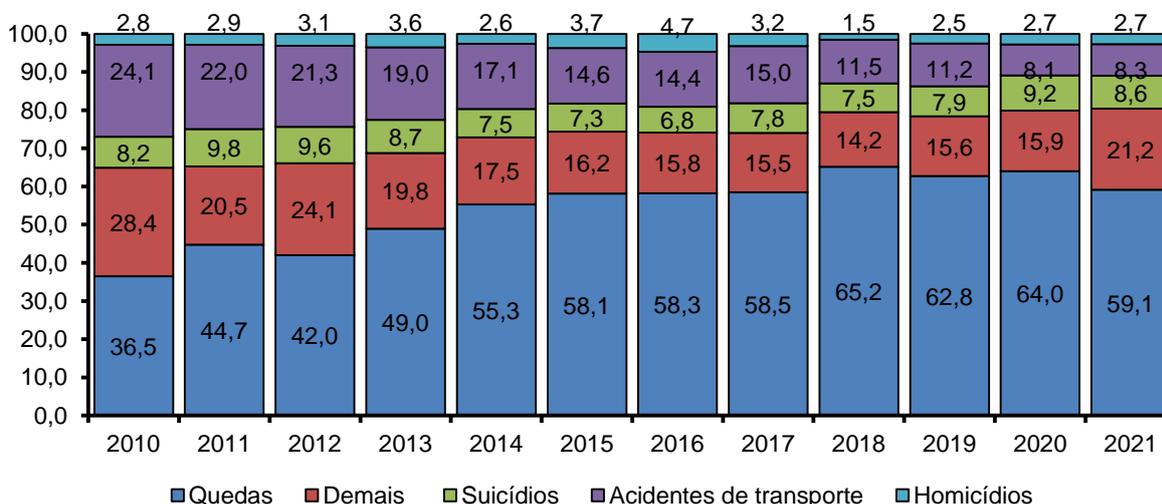
Mortalidade proporcional da população idosa masculina, por causas externas selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010-21



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

Gráfico 21

Mortalidade proporcional da população idosa feminina, por causas externas selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010-21



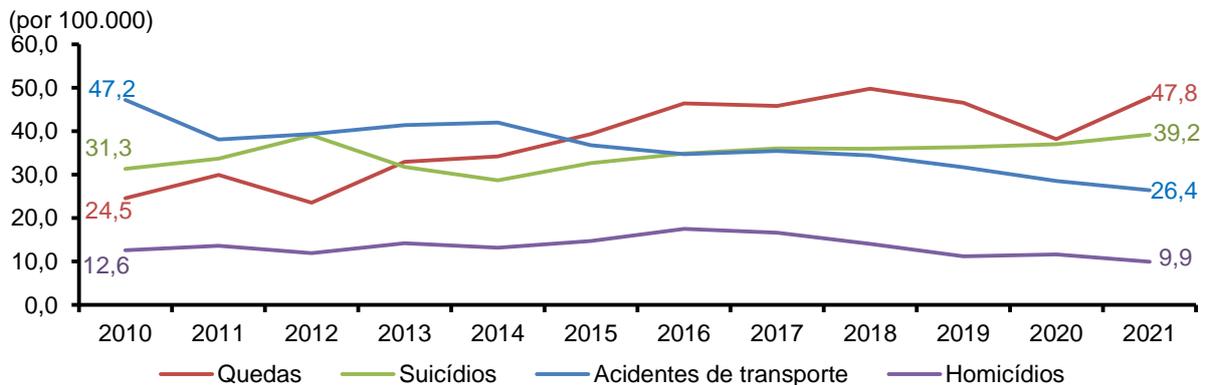
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).



A análise da taxa de mortalidade por causas externas específicas, segundo o sexo, indica patamares bem diferenciados. Para os idosos do sexo masculino, acidentes de transporte foram a primeira causa, com taxa de 47,2 óbitos por 100.000 em 2010, caindo para a terceira em 2021, com taxa de 26,4 por 100.000. Quedas apresentavam a terceira causa em 2010, com 24,5 óbitos por 100.000, passando a ser a primeira em 2021: 47,8. Já a taxa de mortalidade devido a suicídios dos idosos do sexo masculino continuou na segunda colocação, era de 31,3 em 2010 e aumentou para 39,2 por 100.000 em 2021. Homicídios apresentaram queda em sua taxa, passando de 12,6 em 2010 para 9,9 por 100.000 em 2021. Para os idosos do sexo feminino, a taxa de mortalidade devido a quedas permaneceu em primeiro lugar em toda série analisada, apresentando tendência de aumento: em 2010, eram 24,4, passando para 44,3 óbitos por 100.000 em 2021. Acidentes de transporte eram a segunda causa em 2010, passando a ocupar a terceira posição, tendo caído de 16,1 em 2010 para 6,2 por 100.000 em 2021. Suicídios, que eram a terceira causa de mortalidade em 2010, com taxa de 5,5, passou a ser a segunda maior em 2021, apresentando 6,5 óbitos por 100.000 idosas. Já a taxa de mortalidade devido a homicídios apresentou uma pequena variação, passando de 1,9 em 2010 para 2,0 por 100.000 em 2021 (Gráficos 22 e 23).

Gráfico 22

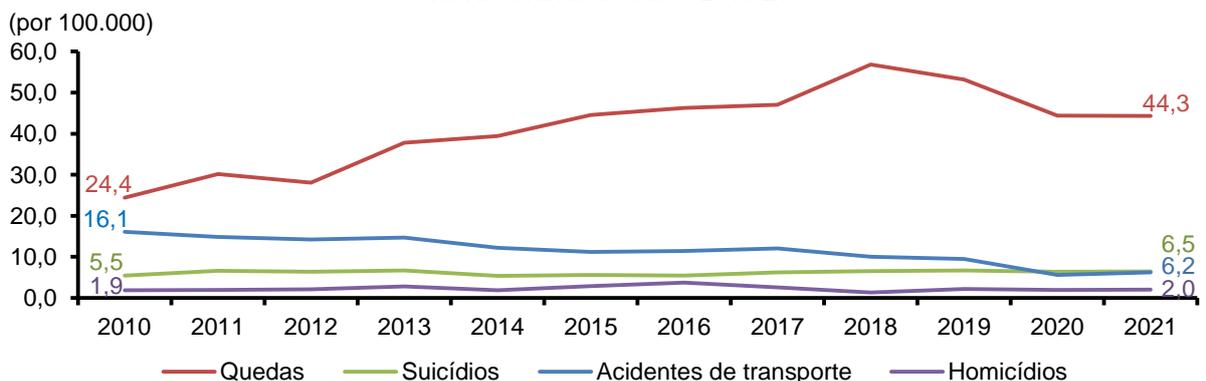
Taxa de mortalidade da população idosa masculina, por causas externas selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010-21



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Gráfico 23

Taxa de mortalidade da população idosa feminina, por causas externas selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010-21



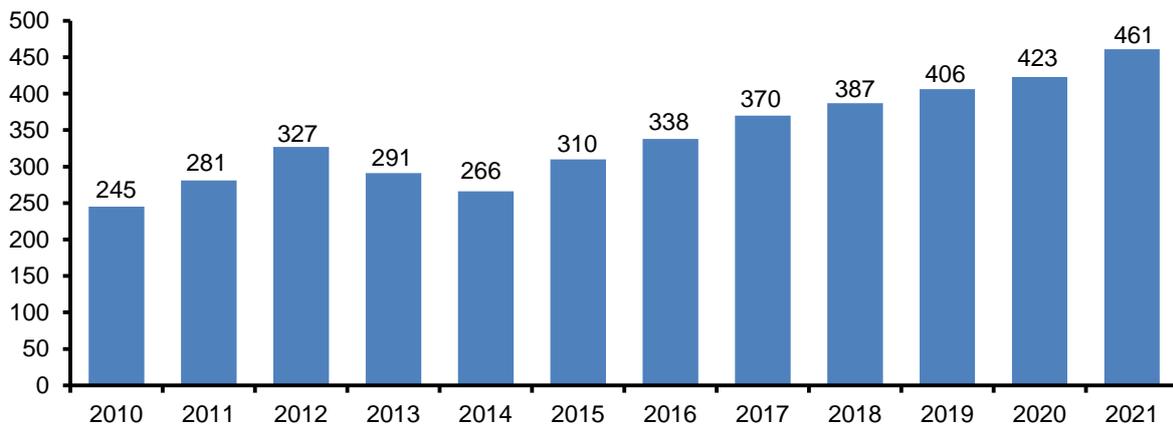
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



No período de 2010 a 2021, ocorreram 4.105 óbitos de idosos devido a suicídios, sendo 81,3% de pessoas do sexo masculino. Houve um crescimento de 88,2% no número de casos entre 2010 e 2021, passando de 245 para 461 óbitos. Após assumir o segundo valor mais baixo da série, em 2014, o número de suicídios aumentou sistematicamente até 2021, quando atingiu o maior valor do período (Gráfico 24).

Gráfico 24

Número de óbitos por suicídio de pessoas idosas no Rio Grande do Sul — 2010-21

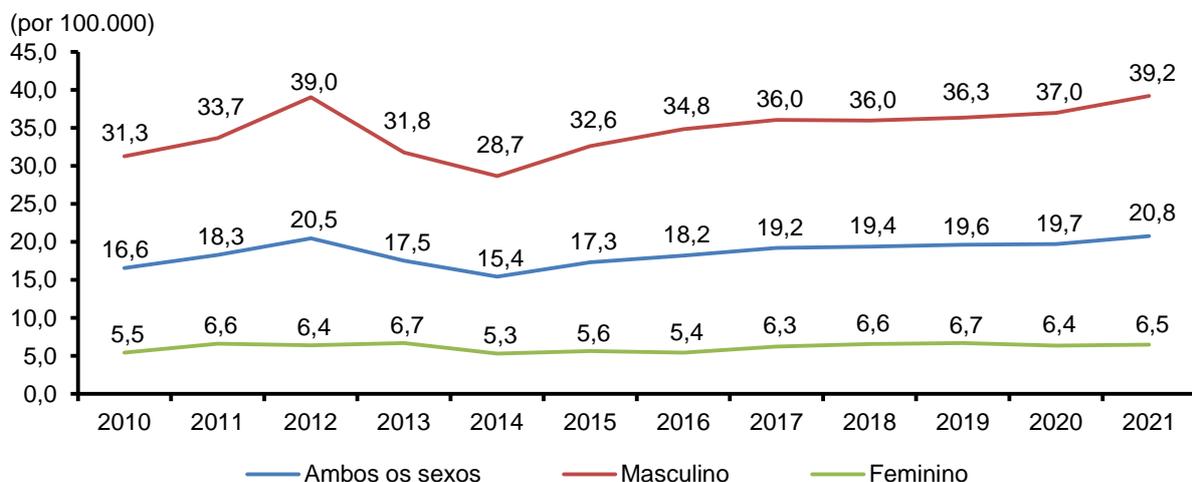


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

A análise do Gráfico 25, em que estão apresentadas as taxas de mortalidade por suicídio da pessoa idosa, segundo o sexo, indica uma tendência de crescimento desse indicador: passou de 16,6 em 2010 para 20,8 por 100.000 em 2021. Esse comportamento repete-se tanto para os idosos do sexo masculino, cujo valor passou de 31,3 para 39,2, como para os do sexo feminino, que foram de 5,5 para 6,5 por 100.000 no mesmo período.

Gráfico 25

Taxa de mortalidade da população idosa por suicídio, segundo o sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-21

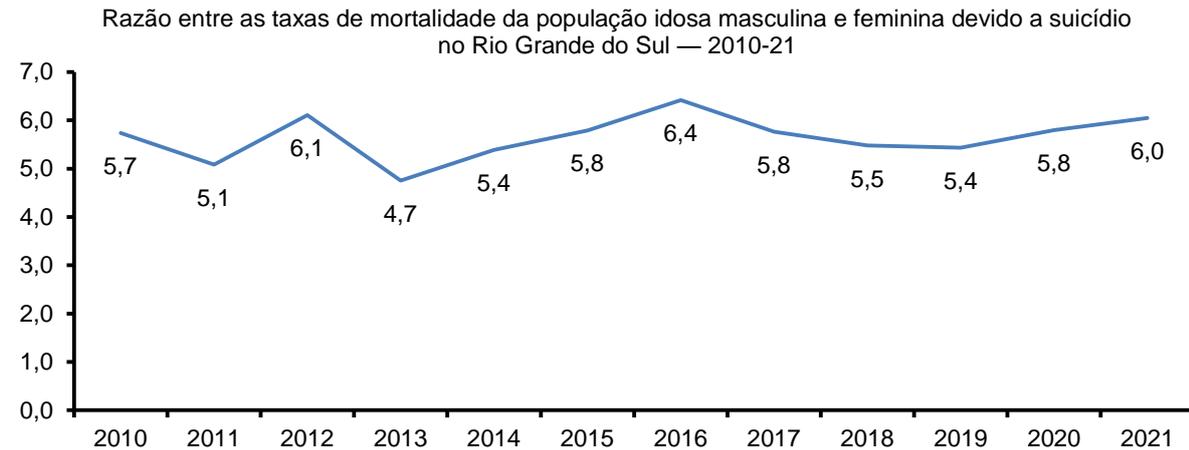


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).



A razão entre as taxas de mortalidade masculina e feminina por suicídio (Gráfico 26) indica que os homens idosos tiveram, em 2021, um valor 6,0 vezes maior que o das mulheres. Esse indicador oscilou entre 4,7, observado em 2013, e 6,4 em 2016.

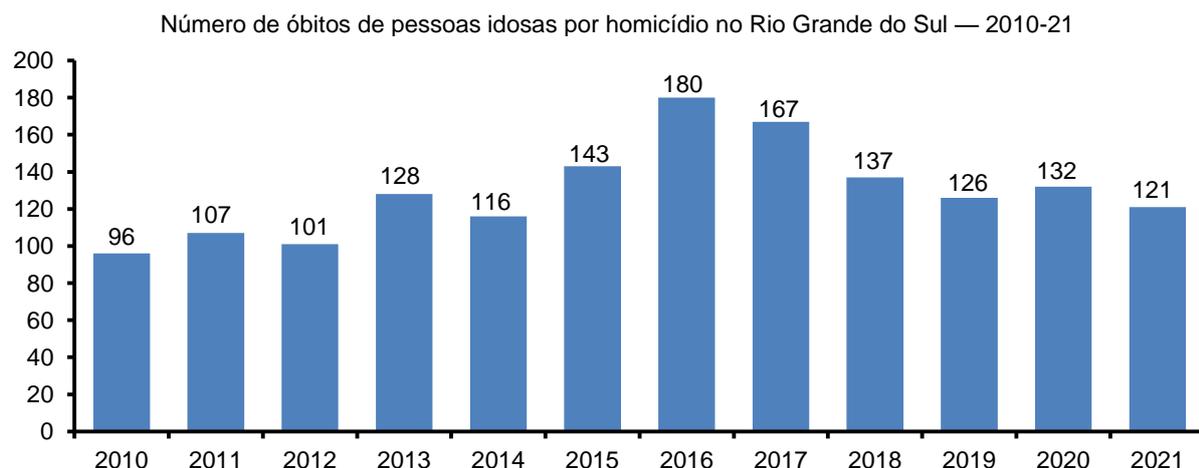
Gráfico 26



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

O número de óbitos de idosos no Rio Grande do Sul devido a homicídios no período compreendido de 2010 a 2021 foi de 1.554, apresentando um aumento de 26,0% entre 2010 e 2021, pois passou de 96 para 121 (Gráfico 27). O aumento relativo no número de casos foi maior entre as idosas, 56,3%, passando de 16 casos em 2010 para 25 em 2021. Já para os homens, o aumento foi de 20,0%, passando de 80 para 96 óbitos no mesmo período.

Gráfico 27



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

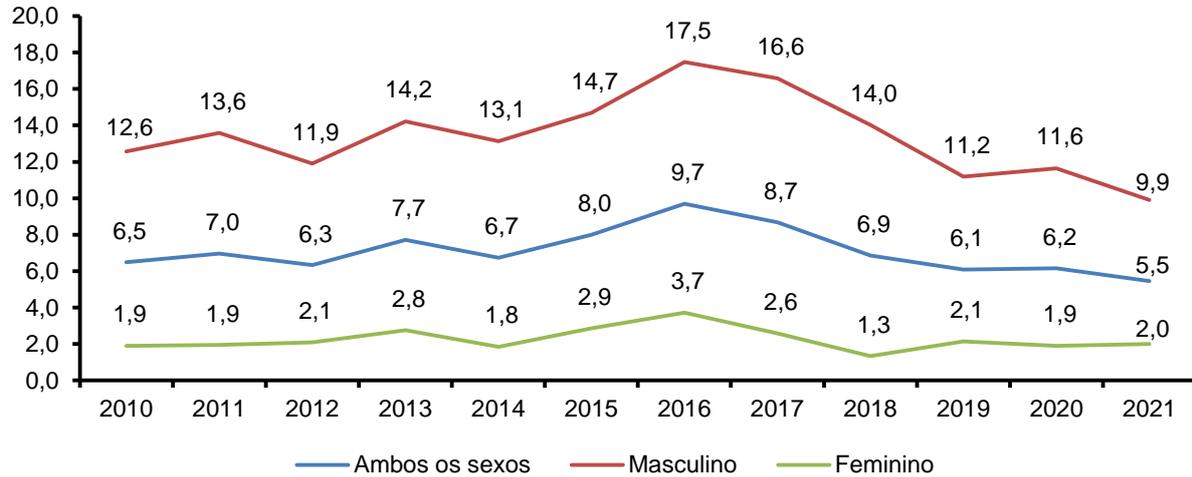
As taxas de mortalidade por homicídio do sexo masculino variaram de 9,9 em 2021 a 17,5 por 100.000 idosos em 2016, quando iniciaram uma tendência de queda, tendo alcançado o menor valor da série em 2021. Para a população idosa feminina, os patamares são bem inferiores, oscilando de 1,3 em 2018 a 3,7 em 2016, tendo alcançado o valor de 2,0 óbitos por 100.000 idosas em 2021 (Gráfico 28).



Gráfico 28

Taxa de mortalidade da população idosa por homicídio, segundo o sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-21

(por 100.000)

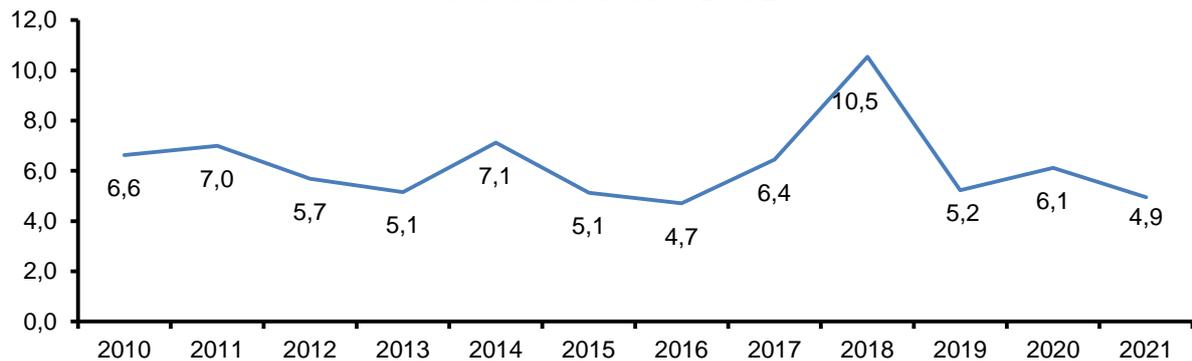


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

De fato, a probabilidade de morte por essa causa é muito maior entre a população idosa masculina. A razão entre as taxas de mortalidade da população masculina e feminina chegou a alcançar o valor de 10,5 em 2018, sendo o menor valor em 2016, de 4,7. Em 2021, a razão era de 4,9 (Gráfico 29).

Gráfico 29

Razão entre as taxas de mortalidade da população idosa masculina e feminina por homicídio no Rio Grande do Sul — 2010-21



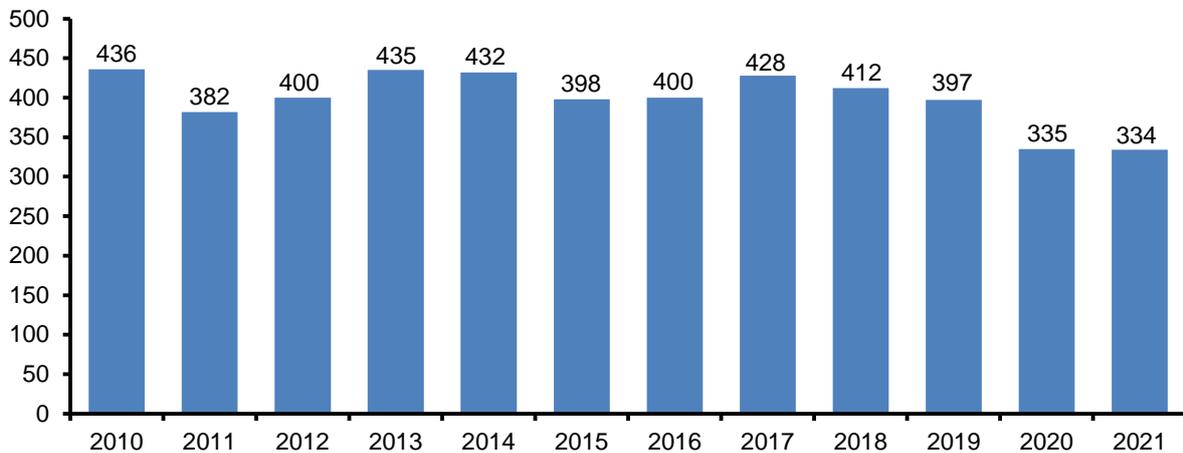
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

O número de óbitos por acidentes de transporte apresentou uma queda de 23,4% entre 2010 e 2021, passando de 436 para 334. As taxas de mortalidade da pessoa idosa por sexo caíram 48,9%, evoluindo de 29,5 para 15,1 óbitos por 100.000 idosos. Para a população idosa feminina, a queda foi maior (-61,3%), pois passou de 16,1 em 2020 para 6,2 em 2021. Os idosos do sexo masculino apresentaram uma redução menor na taxa por acidentes de transporte (-44,0%), passando de 47,2 para 26,4 óbitos por 100.000 mesmo período (Gráficos 30 e 31).



Gráfico 30

Número de óbitos de pessoas idosas por acidentes de transporte no Rio Grande do Sul — 2010-21

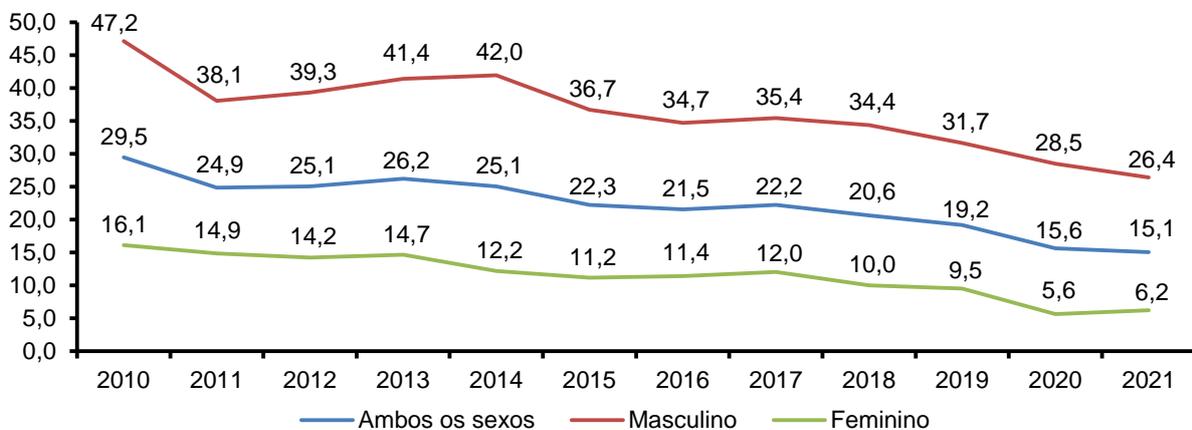


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

Gráfico 31

Taxa de mortalidade da população idosa por acidentes de transporte, segundo o sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-21

(por 100.000)



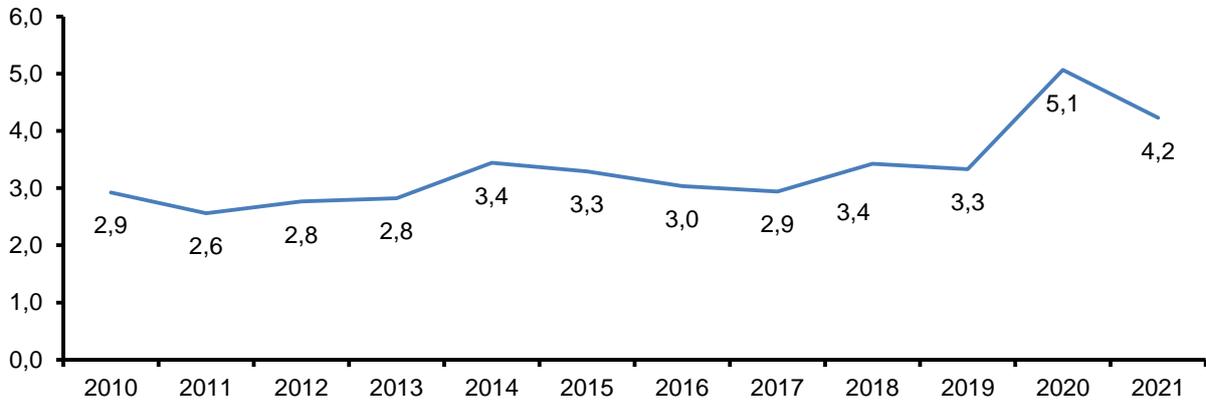
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Nessa causa específica, também os idosos do sexo masculino apresentam maior probabilidade de morrer devido a acidentes de transporte que os do sexo feminino, além disso, a razão entre as taxas de mortalidade por sexo apresentou uma tendência de aumento, passando de 2,9 em 2010 para 5,1 em 2020, com uma redução para 4,2 em 2021 (Gráfico 32).



Gráfico 32

Razão entre as taxas de mortalidade da população idosa masculina e feminina devido a acidentes de transporte no Rio Grande do Sul — 2010-21

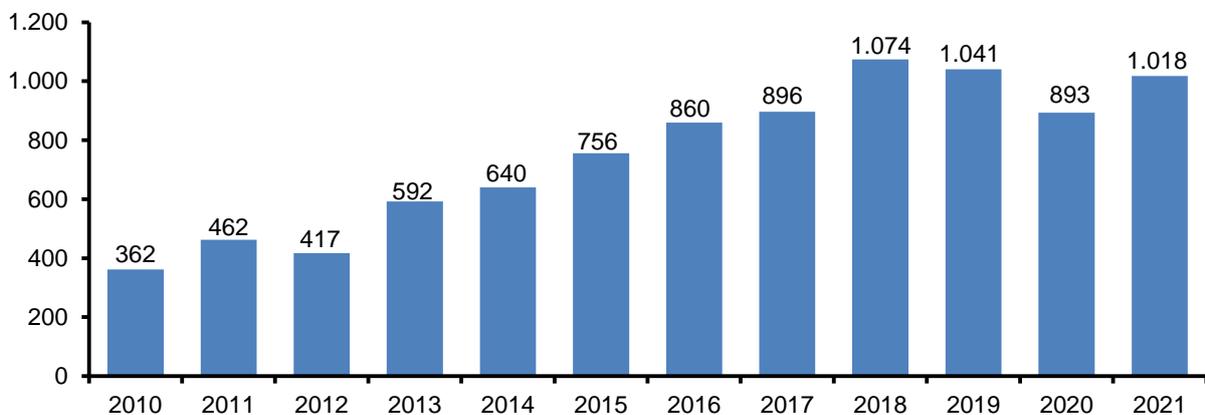


Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

O número de óbitos da população idosa devido a quedas apresentou aumento de 181,2% de 2010 a 2021, pois evoluiu de 362 para 1.018, já tendo alcançado valores acima de 1.000 casos também em 2018 e em 2019 (Gráfico 33).

Gráfico 33

Número de óbitos de pessoas idosas por quedas no Rio Grande do Sul — 2010-21



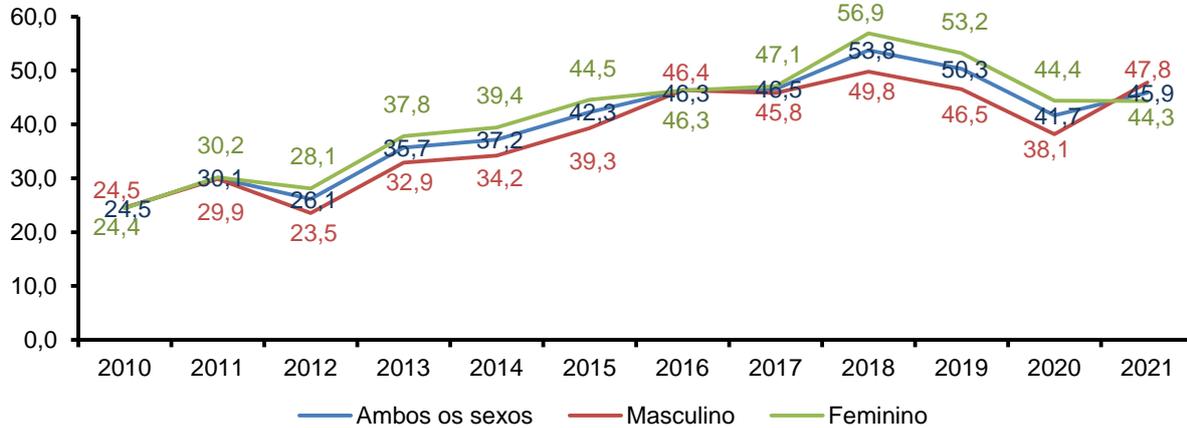
Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).

A taxa de mortalidade devido a quedas apresenta tendência de aumento no período, passando de 24,5 em 2010 para 45,9 óbitos por 100.000 idosos em 2021. Para a população idosa feminina, a taxa passou de 24,4 em 2010 para 44,3 em 2021, enquanto, para os idosos do sexo masculino, o aumento foi de 24,5 para 47,8. A taxa de mortalidade devido a quedas é a única categoria, entre as quatro causas externas consideradas, para a qual a população idosa feminina apresenta valores superiores aos da masculina. Esse comportamento ocorreu durante toda a série analisada, exceto em 2010 e 2016, quando os valores foram semelhantes, uma vez que a razão entre as taxas masculina e feminina é igual a um, e, em 2021, quando, pela primeira vez na série analisada, a taxa de mortalidade dos idosos do sexo masculino foi superior à das mulheres, apresentando um valor 8% mais alto (Gráficos 34 e 35).



Gráfico 34

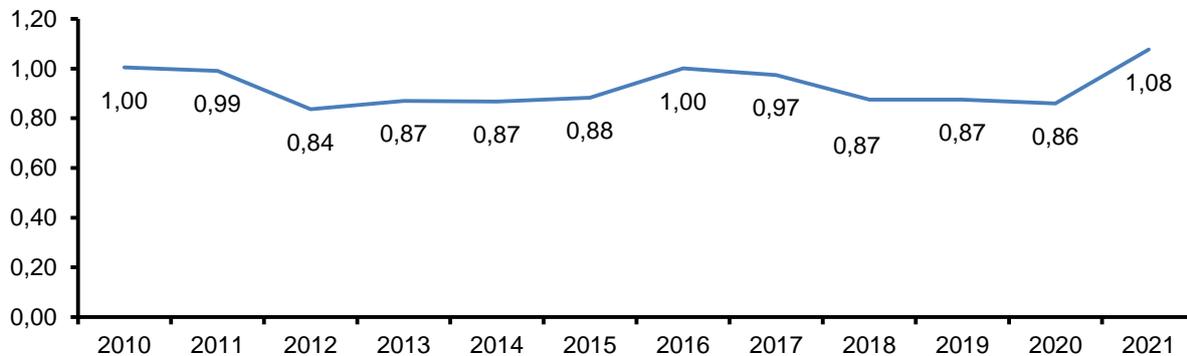
Taxa de mortalidade da população idosa por quedas, segundo o sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-21
(por 100.000)



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Gráfico 35

Razão entre as taxas de mortalidade da população idosa masculina e feminina devido a quedas no Rio Grande do Sul — 2010-21



Fonte dos dados brutos: Datasus (BRASIL, 2022, 2023).
Deedados (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).

Considerações finais

O envelhecimento da população gaúcha é um processo recorrente. Com base nas projeções populacionais realizadas pelo IBGE (2022), a proporção de idosos, pessoas com 60 anos ou mais, deve crescer de 13,6% em 2010 para 35,9% em 2060. Já a população menor de 15 anos verá sua participação cair sobre o total: de 21,4% em 2010 para 14,0% em 2060. Nota-se também que, a partir de 2017, o tamanho da população de 15 a 59 começou a se reduzir. Esse fato gera consequências econômicas e sociais, uma vez que a fração da População em Idade Ativa tende a ser cada vez menor em relação à população fora desse segmento. Um indicador desse processo é a razão de dependência, que relaciona a população de menores de 15 anos e de 65 anos ou mais (em idade não ativa) com a população de 15 a 64 anos (População em Idade Ativa): passaria de 44,13 em 2010 para 75,51 em 2060. Apesar de não



ser foco deste estudo³, esse fator merece destaque, tendo em vista discussões recentes sobre o chamado bônus demográfico, quando a estrutura etária da população é mais favorável ao processo de desenvolvimento. Dados definitivos do **Censo Demográfico 2022** devem trazer informações atualizadas para a avaliação mais precisa desse processo.

Outra consequência importante do envelhecimento populacional é a crescente necessidade de estrutura para dar suporte a um contingente cada vez maior de pessoas idosas nos mais diversos aspectos, como saúde, previdência, equipamentos urbanos e domésticos, cuidados e apoio emocional, lazer, etc. O envelhecimento da população modifica o perfil das doenças, havendo incidência maior de doenças crônicas e degenerativas. Apesar de apresentarem uma queda no período analisado, as causas de morte por doenças do aparelho circulatório e por neoplasias, responderam por cerca de 40% dos óbitos de idosos no Rio Grande do Sul em 2021. Por outro lado, nesse ano, houve um aumento intenso nos óbitos devido a doenças infecciosas e parasitárias, que vitimaram em torno de 24% da população idosa do Estado. Esse fato está relacionado à alta incidência de óbitos devido à pandemia de Covid-19, em especial entre a população idosa. No primeiro ano da pandemia, em 2020, ocorreram 9.241 óbitos de gaúchos em decorrência da Covid-19, sendo que 80,9% eram idosos com 60 anos ou mais (BANDEIRA, 2022). O número acumulado de óbitos no Estado devido a essa causa, até 21 de março de 2023, é de 41.950, tendo diminuído essa proporção para 73,1% (RIO GRANDE DO SUL, 2023).

Entre as oito principais causas de mortalidade da população idosa analisadas, sete apresentam sobremortalidade masculina em 2021, destacando-se os óbitos por causas externas, que são duas vezes mais prevalentes entre os idosos do sexo masculino. Entre as principais causas de mortalidade, a única categoria em que as idosas apresentam valor superior ao dos homens é na taxa devido a doenças do sistema nervoso.

Outro aspecto a ser enfatizado é o aumento da mortalidade de idosos devido a suicídios, que cresceram 88,2% de 2010 a 2021, passando de 245 para 461 óbitos. Isso representou um aumento de 25% na taxa de mortalidade devido a essa causa, na comparação entre 2010 e 2021. Além dessa causa específica, que pertence ao grupo de mortalidade por causas externas, outras causas indicam sinal de alerta, pois também são óbitos violentos: homicídios (crescimento de 26% no número de casos, porém a taxa tem apresentado queda desde 2016); acidentes de transporte, apesar de o número de casos ter diminuído no período (-23,4%), apresentam ainda um grande número de ocorrências, 334 em 2021; e quedas (aumento de 181,2%), que atingiram o patamar de 1.018 óbitos em 2021. Em todas essas causas, a incidência é muito maior entre os idosos do sexo masculino, exceto nas quedas, cuja prevalência é das mulheres. A única exceção nesta última categoria é o ano de 2021, quando a taxa devido a quedas dos idosos do sexo masculino foi 8% superior à das idosas.

Por fim, cabe destacar que, neste texto, foram contempladas apenas as doenças que resultaram em óbito da população idosa no Estado. Essa abordagem representa apenas uma dimensão dos diversos desafios que envolvem o processo de envelhecimento e a formação de políticas públicas para atender a esse segmento populacional. De fato, uma população que está vivendo cada vez mais necessita ter atenção redobrada à saúde, lembrando que, segundo a Organização Mundial da Saúde, o conceito de saúde não é apenas ausência de doenças, mas, sim, um estado de completo bem-estar físico, mental e social (RAMOS *et al.*, 2016).

³ Para uma discussão sobre esse assunto, ver o texto **Bônus demográfico brasileiro: 1970-2037** (ALVES, 2018). Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/08/15/bonus-demografico-brasileiro-1970-2037-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>.



Referências

ALVES, J.E.D. **Bônus demográfico brasileiro: 1970-2037**. Eco Debate, 2018. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/08/15/bonus-demografico-brasileiro-1970-2037-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BANDEIRA, M. D. **Indicadores de mortalidade para o Rio Grande do Sul e seus Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) — 2010-20**. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, Departamento de Economia e Estatística, 2022. (Nota Técnica, n. 60)

BRASIL. Ministério da Saúde. **Datasus**: informações de saúde (Tabnet): estatísticas vitais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sim/cnv/obt10rs.def>. Acesso em: 07 nov.2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Datasus**: informações de saúde (Tabnet): estatísticas vitais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/dados-preliminares-2021>. Acesso em: 28 fev.2023.

IBGE. **Projeções da população**. Brasília, DF: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 out. 2022.

RAMOS, F. L. P. *et al.* **As contribuições da epidemiologia social para a pesquisa clínica em doenças infecciosas**. (2016). Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v7nesp/2176-6223-rpas-7-esp-00221.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **Deedados**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2023a. Disponível em: <http://feedados.spgg.rs.gov.br/feedados/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual da Saúde. **Painel Coronavírus RS**. Porto Alegre: SES, 2023b. Disponível em: <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

